

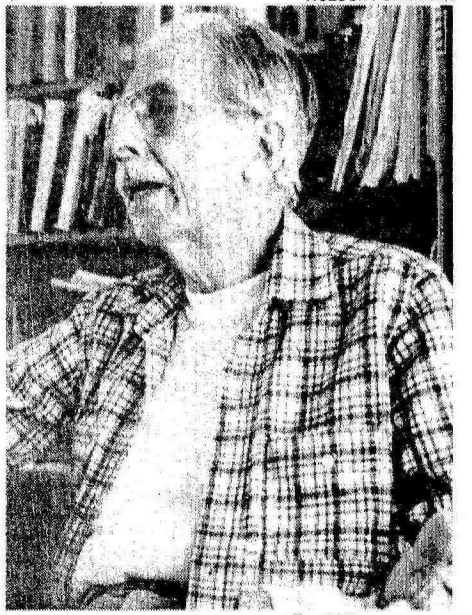
"Cidade só existe com eleitor"

Elson Soares



A decisão de apelar aos políticos foi tomada ontem em ato público na Praça do Encontro

Robson Fernandes



Aos 70 anos, Joffily chega ao TRE/DF

Na próxima quarta-feira, o movimento pela representação política no Distrito Federal ganha um importante aliado: o juiz Geraldo Joffily, que assume o Tribunal Eleitoral do DF aos 70 anos e "com muita vitalidade". Confiante, disposto e bem-humorado, ele acha urgente e necessária a aprovação da subemenda que propõe representação política, "pois para existir uma cidade é preciso haver eleitor, votando, participando. Senão o que temos é um acampamento militar".

Cercado de centenas de livros, Joffily prometeu reorganizar o tribunal, "que nos últimos 20 anos tem sido apenas uma máquina burocrática". Ele é um dos mais antigos juizes de Brasília e organizou a única eleição da qual participaram os eleitores candangos, em 1960, e mais tarde o plebiscito de Jânio Quadros em 1962.

Escritor, crítico literário, tendo como hobby o jogo de bilhar, ele conversou com a repórter Luciane Carvalho e garantiu que tudo fará para dotar o tribunal de toda a infraestrutura necessária para o brasileiro participar das eleições.

JBr — Dr. Joffily, sabemos que o senhor foi um dos primeiros juizes de Brasília, como foi essa sua vinda para cá e como desenvolveu seu trabalho em 1960, ano das eleições presidenciais?

Geraldo Joffily — Eu era juiz no Rio de Janeiro e vim transferido para Brasília. Ainda não havia aqui Tribunal Eleitoral, isso em meados de 1960. Ou seja, cheguei nas vésperas das eleições, era a dobradinha Lott-Jânio. Não havia então juiz eleitoral e não era essa a minha função. No entanto nós pensávamos em como iríamos fazer para alistar os candangos, a maioria sem títulos, que vinham do nordeste e Goiás. Fui indicado então pelo Ministro do Superior Tribunal Eleitoral, Nelson Hungria, para organizar o juízo eleitoral de Brasília. Ele me deu carta branca para requisitar o que fosse necessário, e assim fizemos.

JBr — Acho que grande parte da população de Brasília tinha título naquela época pois estavam sendo trans-

«Os vereadores do Distrito Federal representariam bem as cidades-satélites. Não faz sentido separar Gama, Sobradinho e Taguatinga»

feridos de outros estados para cá. Eles demonstravam interesse em transferir seus títulos para o Planalto Central?

Geraldo Joffily — Não, não era esse tipo de eleitor que visávamos, mas sim os chamados candangos mesmos, trabalhadores de canteiros de obras que estavam aqui construindo a cidade, provenientes, sobretudo, do Nordeste e do interior de Goiás. E era interessante como eles estavam preocupados e exigindo seus títulos. Faziam questão de votar e ter ali o seu documento. Diante disso, eu organizei o juízo eleitoral em bases revolucionárias, não era o candango que ia ao juízo, mas o juízo que ia ao candango. Em todos os canteiros de obras com mais de 200 operário, organizei um posto eleitoral para cadastrar e fornecer ao eleitor seu título.

JBr — E como foi esse trabalho, saiu a contento esse cadastramento?

Geraldo Joffily — Claro, quatro meses depois às vésperas das eleições para Presidente da República, Brasília tinha cinco mil eleitores. O título número mil era, aliás, do Presidente Juscelino Kubitschek. Essa foi a primeira e única eleição da qual participaram os eleitores de Brasília. Em 1962 teve ainda o plebiscito de Jango — mas não foi eleição — e depois o golpe. Nunca mais o candango votou.

Eleições para DF, já

JBr — Como o senhor está vendo agora a sua indicação para o tribunal eleitoral, está acreditando mesmo que vai presidir novas eleições?

Geraldo Joffily — Se não acreditasse não aceitaria o cargo, que foi na verdade uma homenagem dos amigos. O que havia aqui não era um tribunal, mas uma máquina burocrática. Acredito agora que daqui a no máximo um mês o Tribunal Eleitoral começará a funcionar com suas atribuições plenas. Tenho absoluta confiança na aprovação da emenda pois até o presidente do Senado já falou em eleições para Brasília.

JBr — Voltando ainda um pouco, para dar uma certa continuidade a sua história. O senhor foi, indicado para presidir o Tribunal Eleitoral. Exerceu esse cargo durante quanto tempo?

Geraldo Joffily — Até a posse de Jânio Quadros em 1961. Depois de abril fui o juiz de menores. Mas ainda como juiz eleitoral vivenciei fatos curiosos. Na época, tudo tinha que ser improvisado mas os fiscais eram muito rigorosos, criavam polêmica em relação a tudo. Um eleitor, certa vez, apresentou seu título com uma fotografia onde estava de chapéu. Foi aquela confusão. Mas não tive dúvidas. O fiscal alegava que a foto com chapéu não era legal. Disse então para ele: "E o chapéu que está causando problemas? pois bem, risco o chapéu e o rapaz está autorizado a votar". Fiz um "t" no chapéu da fotografia e o eleitor votou.

Em 1964 fui então cassado e preso. Durante quinze dias. Mais por minha atuação como juiz de menores e civil, pois envolvia uma série de problemas

com terras. Naquele tempo começaram a surgir os grileiros sobre as terras devolutas e, enquanto juiz, eu combatia esse tipo de coisa e tentava impedir que se consumasse.

JBr — Como muita gente naquela época, o senhor também foi morar fora do país?

Geraldo Joffily — Não. Logo depois eu fui solto e me aposentaram. Eu recebia meus vencimentos e não trabalhava. Naquela época fui muitas vezes à Europa, mas por curta temporada. Dediquei muito do meu tempo a escrever. Com a anistia, fui reconduzido ao cargo de juiz, no Tribunal de Justiça de Brasília e agora assumo o Tribunal Eleitoral.

Votar para ser cidadão

JBr — Como o senhor está vendo agora essas mobilizações pelas eleições no DF?

Geraldo Joffily — Mais do que necessárias. Em 1960 os eleitores já me perguntavam como iam votar. Sem eleitor não há cidade. Pode até haver uma comunidade, uma tribo, ou um acampamento militar. Cidade é constituída por cidadãos, e eles só podem existir quanto exercem o direito do voto.

JBr — O sr. acredita mesmo na aprovação da emenda restabelecendo eleições para o DF?

Geraldo Joffily — Esse problema já está resolvido. Todas as correntes de opinião e facções políticas já estão de acordo com a representação política. Falta apenas definir em que nível elas acontecerão, se só deputado, senador ou também vereador. Estou certo que o senador Marcondes Gadelha está bem intencionado. Ele quer obter representação já, e se na sua emenda não fala de vereadores é por que isso viria complicar um pouco as coisas, seria necessário reformar a Constituição. Assim as restrições que propõe são compreensíveis.

JBr — O deputado Aldo Arantes está elaborando uma subemenda à emenda Gadelha propondo ampliação do nível de eleição também para deputado estadual, com a criação da assembleia legislativa, vereador e até prefeitos de cidades-satélites, além de eleição para governador. A sua proposta seria também nesta amplitude?

Geraldo Joffily — O Arantes é um deputado goiano do PC do B. Muito bom rapaz. Eu proponho no entanto uma coisa um pouco diferente. Acho que deputado estadual não é necessário porque Brasília não é um estado mas apenas um Distrito Federal. Isso seria apenas mais uma gaiola de ouro. Sou favorável a eleições para senadores, deputados federais e vereadores, que seria mais importante. Na verdade representaria a alma da cidade. Acho que deve haver eleição para governador, mas como prefeito. DF não é um estado. Isso de governador é um pouco pretensioso.

JBr — Um dos argumentos usados pelas pessoas contrárias à eleição para governador é que a possibilidade de se eleger um administrador para o Distrito Federal de partido diferente ao do presidente da República, acarretaria problemas político-econômicos muito grandes, impedindo a harmonia da administração da capital.

Geraldo Joffily — Eu acho esse argumento válido, a contradição partidária

"O título nº mil era de JK. Em 1962, houve o plebiscito de Jango, mas não foi uma eleição. Depois do golpe, nunca mais o candango votou"

poderia trazer problemas, mas isso não chegaria a impedir que se resolvesse a política do Distrito Federal ou que se obtivesse uma boa administração e até o desenvolvimento de Brasília.

JBr — E como o senhor vê a possibilidade de desmembrar administrativamente as cidades-satélites através de eleição para prefeito e vereadores?

Geraldo Joffily — Não concordo com isso. Os vereadores do Distrito Federal representariam bem as cidades-satélites. Separar Taguatinga, Gama, Sobradinho, não faz sentido. É preciso manter uma administração única e bem representada. Em princípio pelo menos os vereadores representariam bem a cidade.

JBr — O tribunal já está pronto para receber os eleitores ou o senhor terá muito trabalho para colocar as coisas em ordem?

Geraldo Joffily — Não, o Tribunal Eleitoral está capacitado a nível de pessoal e de material. Tem tudo, funcionários e infra-estrutura. A qualquer momento estaremos aptos para atender o eleitor de Brasília.

JBr — Mas existe algum trabalho imediato que o senhor terá de desenvolver?

Geraldo Joffily — Não. Só vamos preparar os quadros, os mapas eleitorais e um esquema logístico para a votação. JBr — E o senhor, em quem votaria se as eleições para Presidente da República fossem hoje?

Geraldo Joffily — Em Antônio Her-